

A Tribuna - 09/12/77

TEATRO DE ARENA: Uma nova era para o espetáculo capixaba?

Reportagem de Fernando Tatagiba

Fotos de Flávio Santos

Para os mais entusiasmados, a inauguração do Teatro de Arena, no antigo mercado da Capixaba, em março de 1978, será o início de uma nova era para o mundo do espetáculo de Vitória, com a estréia da superprodução "Queimados", de autoria de Milson Henriques e Amylton de Almeida. Para outros, no entanto, como o ator e diretor

Luiz Tadeu Teixeira, a construção "é um anfiteatro, pois arena é um espaço circular e o projeto apresenta um semicírculo ovalado, em forma de ferradura". Tecendo diversas outras críticas ao local, Tadeu Teixeira consegue, três meses antes da inauguração, levantar uma acirrada polêmica acerca da validade da obra.

A partir de março de 1978, o mundo do espetáculo espírito-santense será, na opinião de alguns, grandemente revitalizado com a inauguração do Teatro de Arena, no interior do antigo mercado da Capixaba. A peça "Queimados", de autoria de Milson Henriques e Amylton de Almeida, estreará na abertura do novo local de diversões.

Os mais entusiasmados do projeto acham que em março começará nova era para o teatro no Espírito Santo, uma explosão que foi, até agora, com as inaugurações do Teatro da SCAV e do Teatro Estúdio, apenas esboçada. Para uns, está havendo um "boom" do teatro capixaba. Para outros, só ocorrerá quando for inaugurado o Teatro de Arena, pois este tipo de local cobra preços mais baratos, transformando-se numa atração popular, ao mesmo tempo em que são encenadas peças de alto nível artístico.

Os proprietários dos bares, botecos, restaurantes e lanchonetes instalados em volta do prédio da avenida Capixaba são unânimes em afirmar que, após a abertura do Teatro de Arena, eles deverão fechar seus estabelecimentos mais tarde, porque, consequentemente, aumentará bastante o movimento dos freqüentes.

Para João Deleprane, por exemplo, proprietário do "Bar Deleprane", a vida noturna nas imediações será intensificada:

— Gilha, eu fecho o bar geralmente às 7 horas da noite. É que a partir daí não aparecem mais freqüentes. Apenas um ou outro bêbado incômodo e algum retardatário para o cafezinho. A clientela dos bares instalados em volta deste prédio é quase toda constituída de pessoas que trabalham nas proximidades e que vêm aqui para beber ou para fazer um lanche rápido. E após 7 da noite, eles já se dirigem para suas residências. Por enquanto, não existem condições de ficarmos abertos até mais tarde. Porém, se como dizem, for inaugurado um teatro ali dentro, é provável que passemos a fechar bem mais tarde porque a movimentação noturna por aqui será mais intensa.

TADEU CONTA: PROBLEMAS

Segundo o ator e diretor Luiz Tadeu Teixeira, conhecedor de teatro em todos os seus aspectos, a casa de espetáculos em construção "não é precisamente de arena". Ele explica melhor:

— Por Arena se entende um espaço circular, no estilo romano. O projeto apresenta como característica principal um semicírculo ovalado, em formato de ferradura. Então o que temos é mais para o anfiteatro, no estilo grego; ou uma semi-arena, se preferirmos. Este questionamento, contudo, não tem a menor importância.

Na opinião de Luiz Tadeu, grande problema do projeto de instalação de um teatro no prédio do Mercado e o fato das arquibancadas serem de concreto. E complementa: — Não entendo as razões técnicas que possam ter levado a esta opção. Estou informado de que as arquibancadas são de concreto porque o prédio tem uma base frágil que precisa ser reforçada. Acho que seria mais prático, então, reforçar esta base e construir as arquibancadas de outro material, aço ou metal, como as usadas nos desfiles de Escolas de Samba. Seria mais barato, poderia sobrar mais dinheiro para equipar tecnicamente o teatro e não pesaria tanto sobre a frágil base do prédio.

Luiz Tadeu comenta ainda que o grande problema dos teatros brasileiros, a maioria deles, é que raramente os cenógrafos são consultados antes das construções. "Então, diz ele, os arquitetos cometem falhas lamentáveis. Geralmente tomam como modelo teatros antigos, já ultrapassados, e procuram reproduzi-los. Depois de pronto é que surgem os problemas. Uma rara exceção, por exemplo, é o Palácio das Artes de Belo Horizonte. O prédio em si, foi projetado pelo Niemeyer. O teatro, no entanto, foi outro, com noções de cenografia, acústica e outras coisas. Não posso entender o que está se fazendo com o Teatro do Mercado. Recentemente estive em Vitória o Luiz Carlos Ripper, um cenógrafo importantíssimo que já ganhou vários "Molières". Ficou aqui dez dias dando um curso e ninguém se interessou por levá-lo na construção do mesmo teatrozinho a planta. Depois, veio o Michel Bongiovanni, que acabou trabalhando comigo em "Antígona".

O ator informa que Michel já montou vários teatros por aí, principalmente na França, e também no Brasil. É melancólico dizendo que ninguém procurou também o Michel: — Construir um teatro não é a mesma coisa que fazer um ginásio de esportes ou um estádio. Aqui já temos vários exemplos: o Teatro Estúdio não passa de um auditório, o Teatro da SCAV vai para o mesmo caminho. O Carlos Gomes está cheio de defeitos. Agora vem o "Teatro de Arena", uma obra na qual vão gastar 750.000 cruzados. É de dar no coração.

Depois, Tadeu finaliza: "Avulsos a planta desobedecem alguma abstração: não dá as arquibancadas sob de concreto e também o palco. Não dá o palco, principalmente para a acústica: o som bate e volta. Não

há cobertura, o teto é aberto. Pior ainda: o som bate, volta e soba. Conclusão: terão que usar microfones? Vai ser difícil. E se ocorrer uma temporada como a de "Antígona", quando choveu vários dias seguidos sempre na hora do espetáculo?"

A OPINIÃO DA FUNDAÇÃO

O diretor da Fundação Cultural do Espírito Santo, Marien Calixte, esteve sexta-feira, às 9 horas da manhã, visitando as obras do Teatro, juntamente com o responsável pelo trabalho de construção, engenheiro Laerte Machado, do Departamento de Edificações e Obras. Na ocasião, Marien informou que vem tratando com seriedade sobre a casa de espetáculo em construção porque ela "irá atender aos interesses de todos aqueles que se dedicam ao teatro em Vitória. Será uma casa de diversões de outra tendência, diferente das que já existem, do Teatro Estúdio, do Teatro da SCAV e do Teatro Carlos Gomes. O Arena se prestará para encenação de teatro infantil, teatro amador e profissional".

Marien Calixte disse que esteve reunido na quarta-feira com o arquiteto Paulo Dessaigne para resolver alguns problemas que estão surgindo nas obras. Para o diretor da Fundação Cultural, a construção do Teatro de Arena é um dos mais importantes da atual administração estadual e que "trata-se realmente de um Teatro de Arena, um tipo de casa de espetáculos que já existe na Grécia e na Roma antiga. É um Teatro de Arena e o projeto da obra que está sendo construído mostra que é no estilo de Teatro de Arena".

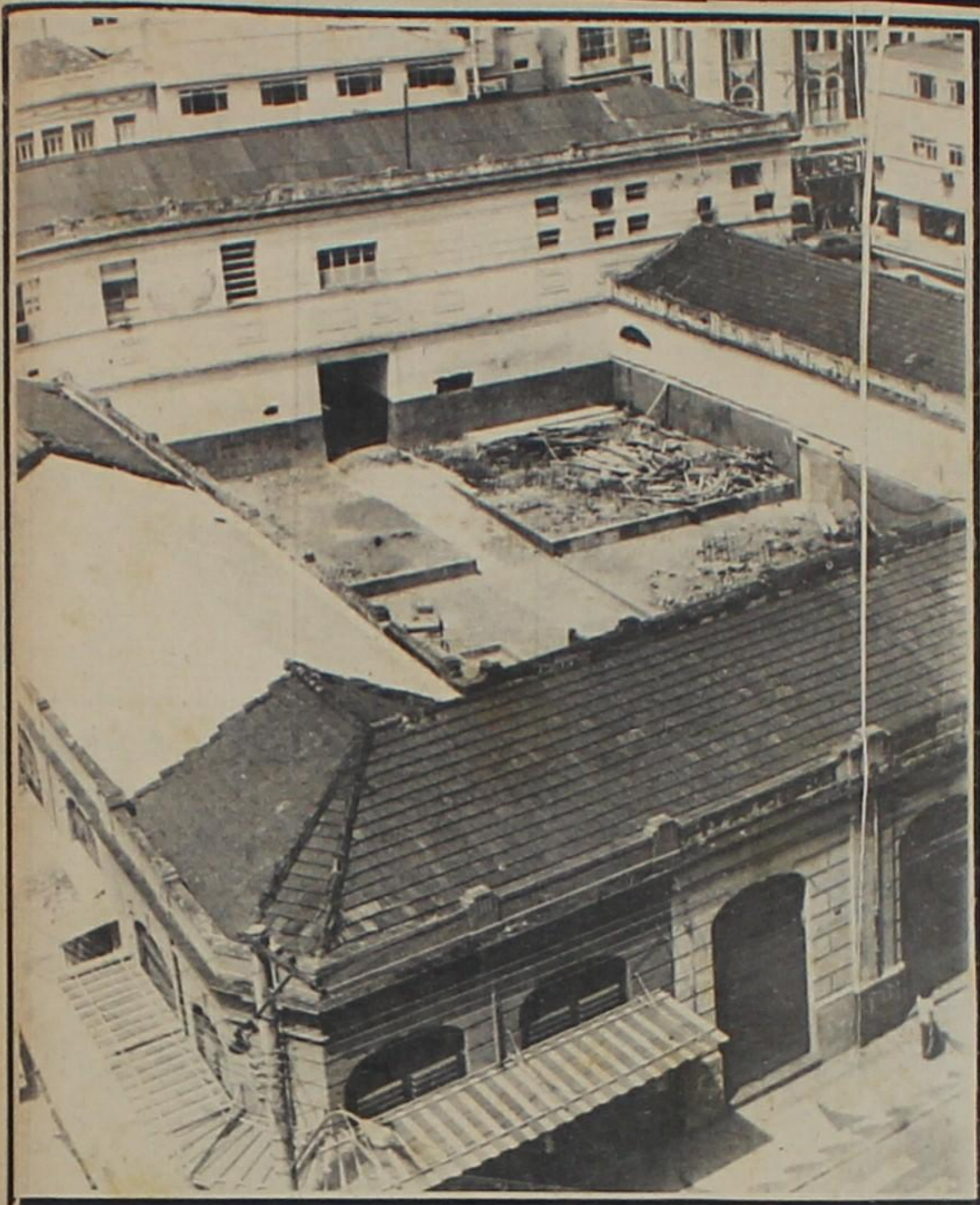
Segundo Marien, o projeto inicial seria desalojar todas as firmas comerciais que encontram-se em volta do prédio da Capixaba que abrigou a Rádio Espírito Santo, "A Voz de Canaã", e seus lendários programas de auditório, na década de 50: — No lugar dos bares, açougues, verdureiros, lanchonetes, seriam instaladas pequenas lojas para artistas plásticos em geral, venda de artesanato de artistas capixabas, entre outras modalidades de comércio relacionados com a arte emergente. No entanto, o Governo não tem condições de desalojar os comerciantes, donos de bares que se encontram há muito tempo no local. Alguns inclusive estão estabelecidos ali há 20, 30 anos.

Voltando a falar sobre a construção do teatro, Marien informa que Teatro de Arena é um teatro livre, quase não se usam cenários, iluminações, músicas e outros aparatos.

— É uma construção semelhante, por exemplo ao ginásio Wilson Frates. Além disso, é um teatro barato, tanto para quem produz como para o público que irá freqüentá-lo.

O coordenador de atividades teatrais da Fundação Cultural, Delton Souza, é da mesma opinião de Marien e vai contra as declarações de Luiz Tadeu. Delton concorda que o teatro em construção é de Arena: "Está sendo projetado como de arena. O tipo de arquibancada, palco, tudo o mais, no estilo de Teatro de Arena".

Para Delton, o novo teatro irá atender às necessidades locais: — Vai ser um teatro mais livre, mais acessível para o público, que não terá necessidade de se arrumar, vestir roupas sofisticadas para ir a um espetáculo. Enfim, não é coisa apenas para a elite. O teatro vai ser feito para o povo mesmo. E os grupos locais terão ocasião de mostrar seus trabalhos.



Delton Souza acha também que Vitória já está com uma população muito grande, e são necessárias mais opções para o público em matéria de diversão. Porém, ele opina sobre a qualidade das montagens: — Os grupos que irão se apresentar deverão passar por uma triagem para ver se têm realmente bom nível, se têm condições artísticas para agradar a um público exigente e também ao leigo. Eu acho esta triagem necessária para evitar o surgimento de grupos excessivamente amadores. É interesse da Fundação Cultural apoiar grupos que já apresentam certo amadurecimento pois assim estaremos informando e formando nosso povo. Finalizando, Delton diz que é mil vezes preferível ter uma cultura bem construída de que viver com a cabeça cheia de informações e conceitos, muitas vezes copiados dos Grotto waks da vida.

UM TEATRO PARA 700 PESSOAS

A construção do Teatro de Arena está a cargo do Departamento de Edificações e Obras. Seu diretor e responsável direto pelas obras, engenheiro Laerte Bernardes Machado, declarou que os camarins já estão prontos e o DEO está em fase de sondagem "por se tratar de uma estrutura muito pesada e que deverá comportar 700 pessoas sentadas nas arquibancadas". Ele diz também que, ao elaborar o projeto estrutural das arquibancadas, constatou-se a existência de enormes crateras no solo feitas por formigas, ratos, e outros animais, devido se tratar de um antigo mercado. E, tendo em vista estes contrastes, estão sendo o cuidado de elaborar uma sondagem, uma análise mais primorosa do solo, para poder suportar as arquibancadas.

Ele também contesta as declarações de algumas pessoas de que o teatro em construção "não é de Arena": — O teatro que está sendo construído pelo DEO no interior do antigo mercado da Capixaba, é do tipo Arena porque é ao ar livre, contando com uma construção arquitetônica característica desse tipo de casa de espetáculo.

A PEÇA DE ESTRÉIA

"Queimados", peça teatral de Milson Henriques e Amylton de Almeida será a peça de estréia na inauguração do Teatro de Arena. O texto foi tratado pela Fun-



Na foto: "Teatro de arena". Mas está que ponto?

dação Cultural para ser o espetáculo inaugural porque tem um tipo de cenarização livre, próprio do estilo de Teatro de Arena, além de ser uma peça local, com tema regional.

A apresentação de "Queimados" terá produção da Fundação Cultural do Espírito Santo, mas não mais contará com a verba do Serviço Nacional de Teatro. Milson Henriques e Amylton de Almeida haviam se candidatado para recebimento de ajuda financeira para a montagem, mas o contrato do SNT exigia apresentação do espetáculo em 1977 e como eles tiveram problemas de produção, não puderam estreiar ainda.

No entanto, como não estavam interessados em apresentar "Queimados" em 77, Amylton e Milson preferiram perder a verba, mas insistiram para que a peça fosse estreada na inauguração do Teatro de Arena em março do próximo ano, sob o patrocínio da Fundação Cultural mas sem os 20 mil cruzeiros do SNT.

Amylton de Almeida, produtor de "Queimados" disse que tiveram que recusar o patrocínio do SNT porque o órgão deu o prazo de estréia até dia 15 de dezembro. E, pelo contrato, exigiam também que fosse encenada em Vitória. — Pensamos em fazer a montagem no município da Serra, e depois a apresentarmos por dez dias no interior, ao ar livre. Mas, outra vez, teríamos problemas com o contrato do SNT, que exige também que as apresentações sejam feitas em Vitória e em Teatro de Arena, porque a peça é do gênero de Arena. E como o teatro em construção na Capixaba só irá ser inaugurado em março de 78, resolvemos deixar de lado a verba do SNT para montar o texto por nossa própria conta no próximo ano.

A peça "Queimados" foi extraída da obra "A Revolta de Queimados" do capixaba Eugênio de Assis. É um antigo projeto de Amylton e Milson, que resolveram trabalhar em prol da cultura capixaba: apresentar uma peça com história, elenco, diretor, produtor, músicas feitas por pessoas daqui.

O trabalho de pesquisa dos autores levou muito tempo. Os poucos historiadores que se dignam a falar sobre a Insurreição de Queimados o fazem em poucas linhas, apesar de ter sido a primeira rebelião de escravos que ocorreu no Brasil, na atual região de Queimados, hoje município da Serra.

Os autores não pretendem fazer uma narrativa fiel aos fatos, pois hoje não existe nenhuma documentação a respeito da época, nem como os fatos da Insurreição realmente aconteceram. A história de "Queimados" se passa no ano de 1849, quando o Estado do Espírito Santo contava com 6.346 escravos negros, fator principal para o desenvolvimento da agricultura. A ação se desenrola na Freguesia de São José do Queimado, atual município da Serra, quando um grupo de escravos, chefiados por Elizário, se revoltam contra as explorações do padre local, exigindo a liberdade.

Um dos responsáveis pela montagem disse que pretendem fazer "um espetáculo que contenha o mesmo sentido e objetivo lúcido dos revoltosos. Para isso, incluímos muita música. Será um trabalho a ser realizado em equipe, com o maior número de talentos possível.

A equipe de "Queimados" deverá contar com a seguinte ficha técnica: equipe de produção: Amylton de Almeida (produtor), Gillo Loyola, Haroldo Coronel e Heloisa Santana; equipe musical: Arlindo Castro (diretor), Afonso de Abreu, Maurício Oliveira, Mário Rui, Marco Antônio Grilo, Ester Mazzi, Vitorina Gonçalves, Bob de Paula, Sebastião Reis, Luiz Tadeu Teixeira, Jusélio Calmon (assistente), Heitor Bonino (lêdo e fotografia), Hermígenes Lima Fonseca (consultor de folclore), casta e programa: Amylton de Almeida (idealização) e Arlindo Castro (execução). Ainda participam: J. Arthur Bugla, Lena Borges, Mariângela Pallarino, entre outros.

Apesar das objeções do ator e diretor Luiz Tadeu Teixeira quanto às formas e à qualidade do Teatro de Arena, não restam dúvidas que a temporada teatral de 1978 será bem mais intensa do que os anos anteriores, principalmente com a encenação de um espetáculo característico de superprodução, nunca antes tentado aqui, como é o caso de "Queimados".